Adolfo Casais Monteiro

OBRAS COMPLETAS

CARTAS A SUA MÃE

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Cartas a Sua Mãe

Autor: Adolfo Casais Monteiro

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Levi Condinho

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Julho de 2008

ISBN: 978-972-27-1623-9

Depósito legal: 277 250/08

O INTELECTUAL SEM GRADES

> Bom, vou responder à sua carta: não, não conheço o tal artigo do *Jornal de Notícias*. O retrato deve ser um que me tiraram na cadeia; aliás, todos os retratos de intelectuais portugueses deviam ter grades, para as pessoas não se esquecerem da realidade... Gostava que mo mandasse, sim senhor. Eu depois devolvo. Não há como uma pessoa vir-se embora para ser estimado; olha se alguém escrevia coisas daquelas, se eu aí estivesse! [Carta de Casais Monteiro a sua Mãe, de 19 de Fevereiro de 1957, p. 176.]

A organização interna deste volume reflecte a vida em mudança de Adolfo Casais Monteiro no período abrangido por estas cartas. Uma primeira parte, na qual a troca epistolar decorre essencialmente entre Casais em Lisboa e sua Mãe no Porto e em Ruivães, na qual predominam referências à situação política interna e aos trabalhos do escritor; uma segunda parte, na qual Casais se encontra já no Brasil, em que cresce a intensidade dos aspectos pessoais, motivada pela distância física e pela separação forçada de mulher e filho também, a que se soma uma relação nova, em parte com o exílio, em parte com o Brasil. As continuidades são várias.

A de interlocutor, com a mãe de Casais a resumir agora a família alargada dos tempos de «cartas em família» (incluído nestas Obras Completas). Mas também a substituir-se em alguma medida aos contactos familiares do Casais Monteiro adulto (sobretudo com o seu filho João Paulo Monteiro).

A da consciência autoral de Casais, que se refaz no Brasil de um modo impossível em Portugal. Com efeito, e como já argumentámos em outros locais (cf., p. ex., Leone 2005), o caso particular de Adolfo Casais Monteiro é extremamente invulgar, ao ter sucedido na evolução de um registo de crítica não especializada ligada à Imprensa, espraiando-se desde a música ao cinema, passando pela literatura e pelas artes plásticas (cf. Cartas em Família), *registo comum em Portugal até à segunda metade do século* XX, *para uma actividade nunca completamente circunscrita à literatura mas já especializada nesta. O elemento-chave nesta evolução foi a liberdade da Universidade brasileira, mesmo quando se instalou a ditadura, a qual permitia a independência de espírito aos exilados nela integrados, como Casais, Sena, Agostinho da Silva, etc., algo impensável em Portugal até 1974 (e mesmo depois…).*

A continuidade do exílio, enfim, será provavelmente a mais relevante, e requer sensibilidade na interpretação do período imediatamente anterior à partida para o Brasil, a que se reportam as cartas da primeira parte deste volume. Nas suas repetidas observações sobre política interna e sobre a sua própria obra, Casais Monteiro muda de perspectiva sobre o seu dever, apercebendo-se de que Lisboa não era solução para si e aderindo à ideia de uma partida para o estrangeiro que anteriormente, em 1940, havia recusado (cf. o final do prefácio de Cartas em Família).

*

> Parece que vou dirigir um semanário de crítica. Não figuro como director — *et pour cause*... Resta saber se mesmo assim se conseguirá autorização da censura. Mas, como a dita censura *até* já na Argentina acabou, talvez chegue a vez de Portugal... [Carta de Casais Monteiro a sua Mãe, de 16 de Junho de 1945, p. 43.]

Como as primeiras cartas deste volume bem atestam, a rede de contactos sociais e profissionais de Casais Monteiro na Lisboa de meados da década de 1940 era muito apreciável. Formavam-se já oportunidades várias na Imprensa, como a do Globo, *e ligações que iriam durar décadas, como a com Sena (apesar da «obscuridade» da escrita deste). O centro, contudo, era ainda a sua obra como autor em nome próprio.*

Sempre os ensaios e a poesia, mas por um momento (1945) também o romance. Adolescentes, *já reaparecido na edição INCM das Obras Completas, é objecto de várias referências a par de* Europa, *o longo poema lido aos microfones da BBC na altura. Reencontramos a naturalidade do fim da* Presença *nas referências descontraídas a Gaspar Simões como crítico do seu romance, a multiplicação dos órgãos de comunicação social com que colabora* (*caso de* O Primeiro de Janeiro), *e a animosidade pessoal por vezes a raiar o incompreensível, como a que nutria por João Pedro de Andrade, jovem crítico com quem tinha mais afinidades do que alguma vez admitiu (sugestão que já desenvolvi em vários textos mas que aqui não merece ser retomada) e que contrasta com a atitude mais ana-*

lítica, diferenciando homem e crítico, que dedica a Álvaro Salema também a respeito das críticas a Adolescentes *(cf. p. 55).*

Naturalmente, o trabalho regular não passava tanto por aqui como pelo jornalismo, e pelo seu papel na direcção do Mundo Literário*, desde 1946. Estes constrangimentos constantes à afirmação da sua actividade pessoal enquanto autor eram já sentidos de forma nítida, não só por Casais mas pelos seus interlocutores mais próximos, como o comprova a observação de sua Mãe em carta de 31 de Maio de 1946 ao comentar a expressão do seu filho «vontade de me ir embora», de partir de Portugal (cf. p. 61). Contudo, é ainda pela Imprensa, na forma de uma colaboração com o* Correio da Manhã *(jornal brasileiro) que o Brasil começa a influenciar positivamente a vida profissional, e assim também intelectual, de Casais Monteiro (cf. p. 77). E não passa muito tempo até que a avaliação da recepção à sua obra e as perspectivas de trabalho coloquem a partida para o Brasil como um cenário muito concreto:*

> Eu é que continuo sem ver saída. O Castro Soromenho, que deve ir em breve para o Brasil, tem-me entusiasmado a ir para lá, tanto mais que, no Rio ou em S. Paulo, talvez eu pudesse ser professor de uma das cadeiras de literatura portuguesa. Creio, aliás, que sou mais «importante» no Brasil do que em Portugal, a fazer fé numa jornalista brasileira, que me entrevistou em Paris. O pior é que o Brasil é longe, e há um sem-número de contras. Todavia, se puder, irei por dois ou três meses, estudar o meio. [Carta de Casais Monteiro a sua Mãe, de 8 de Junho de 1948, p. 86.]